**SUJEITO: SUJEITO\_1**

**CURSO: DIREITO**

**SEXO: HOMEM**

**ANO: PRIMEIRO**

**CIDADE: OUTRA**

**Entrevistadora:** Legal. E qual o curso que você está fazendo?

**Entrevistado:** Estou faze[n∅dʊ] [dʒɪ]reito.

**Entrevistadora:** E você, está em que ano do curso?

**Entrevistado:** Eu estou no primeiro.

**Entrevistadora:** Primeiro. Que que você acha do curso? Você que está começando agora, enfim. Que que você acha do curso.

**Entrevistado:** Eu acho um cu[ɹ(n)]so muito legal. Porém tem muita coisa que, ai, dá uma cansada. Não vou men[tʃɪ][ɹ(v)]. [tʃɪ]po, é um cu[ɹ(n)]so muito interessan[tʃɪ]. É legal fica[∅r(v)] sabe[n∅dʊ] da[∅s] coisa[s] e tudo mais porém tem alguma[∅s] coisa[s], assim, algun[∅s] professore[s] que deixam muito, [tʃɪ]po, me deixa muito frustrado, sabe?

**Entrevistadora:** Entendi.

**Entrevistado:** [tʃɪ]po… É mais ou menos isso. Eu, eu gosto bastan[tʃɪ], mas tem alguma[∅s] coisa[s] que me deixam muito frustrado.

**Entrevistadora:** Beleza. E quais as suas expectativas, né? Quais são as suas expectativas em relação ao curso, você que entrou agora.

**Entrevistado:** Cara, eu espero que melhore. Po[ɹ(n)]que, [tʃɪ]po, tem pouca[∅s] matéria[s] que eu realmen[tʃɪ] falo, nossa, eu gosto dessa matéria. Tem pouca[∅s] matéria[s], assim, eu… a minha i[ɹ(n)]mã, ela fez [dʒɪ]reito também. Ela falou que é um cu[ɹ(n)]so que começa chato e vai fica[n∅do] bem e vai fica[n∅do] bom, sabe? Ao decorre[∅r(v)] do tempo. Daí eu espero que isso aconteça. Po[ɹ(n)]que, [tʃɪ]po, eu sempre pensei que se eu pudesse faze[∅r(v)] [dʒɪ]reito ou design, alguma coisa assim relacionada a isso. Daí eu escolhi o [dʒɪ]reito. Daí, às vezes, eu fico pensa[n∅do] que eu escolhi a opção mais segura. [tʃɪ]po, mais… tá, [dʒɪ]reito.

**Entrevistadora:** Entendi. Entendi.

**Entrevistado:** Que não usa minha imaginação e tal, é [tʃɪ]ipo só pega[∅r(v)] e fica[∅r(v)] le[n∅do] e le[n∅do], le[n∅do].

**Entrevistadora:** E por que que você escolheu o curso? Você falou que estava meio em dúvida entre o design, direito, mas por que que você escolheu o curso?

**Entrevistado:** Eu escolhi o cu[ɹ(n)]so de [dʒɪ]reito po[ɹ(v)]que tem muita pauta social. Muita pauta social, ambiental e é uma, é a minha praia, eu cu[ɹ(n)]to muito isso. [tʃɪ]po, coisa ligada a racismo, a meio ambien[tʃɪ], essa[∅s] coisa[s], é um negócio que eu cu[ɹ(v)]to. Então, eu vi que tem bastan[tʃɪ] [dʒɪ]sso em [dʒɪ]reito. Eu falei, eu acho que eu vou escolhe[ɹ(v)] esse po[ɹ(n)]que vai se[ɹ(v)] acho que combina mais. [tʃɪ]po, po[ɹ(n)] causa [dʒɪ]sso, [dʒɪ] pauta[∅s] sociai[s], é uns, é um negócio que eu cu[ɹ(v)]to bastan[tʃɪ], sabe?

**Entrevistadora:** Perfeito e te perguntar. Há quanto tempo você mora em Londrina?

**Entrevistado:** Óia, des[dʒɪ] dois mil e cinco mais ou menos. Não, dois mil e cinco não. Uns dois mil e se[tʃɪ]. Po[ɹ(n)]que o meu pai ele era professo[ɹ(n)] do Senai, daí ele sempre ficava viaja[n∅do] e sempre levava gen[tʃɪ]. Daí a gen[tʃɪ] sempre morou nuns luga[ɹ(n)] muito aleatório. Daí, [tʃɪ]po, a gen[tʃɪ], minha família é daqui, daí a gen[tʃɪ] se mudou pra cá e se instalamos aqui.

**Entrevistadora:** Ah, entendi. E de onde você é? Tipo, onde você nasceu?

**Entrevistado:** Eu nasci em Se[ɹ(n)]tanópolis.

**Entrevistadora:** Os seus pais são de lá também?

**Entrevistado:** A minha mãe é [dʒɪ] Se[ɹ(n)]tanópolis e o meu pai ele é [dʒɪ] Cambé.

**Entrevistadora:** Então, você, você falou que mora aqui em Londrina por conta, cê veio morar em Londrina por conta do seu, do seu pai, né? Do trabalho do seu pai, enfim.

**Entrevistado:** Então, a gen[tʃɪ] não mora em Londrina. A gen[tʃɪ] é [dʒɪ] Cambé.

**Entrevistadora:** Ah, vocês moram bem pertinho né?

**Entrevistado:** Eu sou [dʒɪ] Cambé. [tʃɪ]po, é bem pe[ɹ(n)]to [dʒɪ] Londrina, na real, po[ɹ(n)]que eu moro mais pe[ɹ(n)]to [dʒɪ] Londrina do que do centro [dʒɪ] Cambé.

**Entrevistadora:** Ah, entendo. E você gosta de morar nessa região? Assim, Londrina, Cambé, porque são regiões bem integradas, né? Eu diria. Você gosta de morar?

**Entrevistado:** Eu não vou men[tʃɪ][∅r(v)] que eu gosto. Mas, [tʃɪ]po, eu acho que é uma cida[dʒɪ] muito, não sei. Ela é uma cida[dʒɪ]… estranha. Mas eu gosto [dʒɪ] mora[∅r(v)] aqui. Po[ɹ(n)] exemplo, Cambé. Eu gosto [dʒɪ] mora[ɹ(v)] em Cambé po[ɹ(n)]que é tudo muito pe[ɹ(n)]to. Quando eu [tʃɪ]nha que me inscreve[∅r(v)] pro, pro ves[tʃɪ]bula[∅r(n)] e tudo mais e eu passei [tʃɪ]nha que manda[∅r(v)] um montão [dʒɪ] documento, montão [dʒɪ] documento. E, daí, [tʃɪ]po, era tudo muito pe[ɹ(n)]to. Ah, tem que i[ɹ(v)] no ca[ɹ(n)]tório. Fui lá no ca[ɹ(n)]tório, aí tem que i[ɹ(v)] lá no correio. Daí já fui no correio que é, [tʃɪ]po, anda dois passo[s] e já está lá. Então é uma cida[dʒɪ] que eu gosto [dʒɪ] mora[∅r(v)]. Ela é muito monótona, é muito pacata. [tʃɪ]po, a coisa mais chocan[tʃɪ] que aconteceu no[∅s] último[∅s] tempo[s] foi, [tʃɪ]po, uma casa que estava sangra[n∅do], [tʃɪ]po, é muito, é muito bizarro. Era uma casa que estava sangra[n∅do] e, [tʃɪ]po, estava todo mundo filma[n∅do] só que, [tʃɪ]po, a casa não estava sangra[n∅do], era a pe[ɹ(n)]na do cara que [tʃɪ]nha [tʃɪ]po co[ɹ(v)]tado e estava, o sangue estava espirra[n∅do] na pare[dʒɪ] e ele estava filma[n∅do], é uma loucura, mora[ɹ(v)] em Cambé é uma loucura po[ɹ(n)]que não acontece nada e quando acontece todo mundo fica sabe[n∅do].

**Entrevistadora:** Ah, entendo, bem interessante. E te perguntar, cê já falou que morou em alguns outros lugares, né? Em quais outros outros lugares que você já morou?

**Entrevistado:** Eu já morei muito em Bela Vista. Eu já morei em Ribeirão Preto e Morro Agudo.

**Entrevistadora:** Legal. E como era lá comparado a Londrina, Cambé?

**Entrevistado:** Então, em Bela Vista, Ribeirão Preto e Morro Agudo eu não lembro, eu não tenho uma memória tão boa po[ɹ(n)]que eu era muito criança. Eu lembro que Bela Vista eu nasci e, daí, [tʃɪ]po, eu fui mora[∅r(v)] lá e era uma cidade bem, bem [dʒɪ] boa. [tʃɪ]po, era mais ou menos um cambé, todo mundo conhecia todo mundo, só que Bela Vista é bem meno[ɹ(n)]. Agora, Ribeirão Preto eu não lembro [dʒɪ] nada. É um negócio que não lembra e Morro Agudo, eu lembro que era uma cidade muito louca e que lá chovia terra. É as coisas que eu lembro de lá. Chovia terra.

**Entrevistadora:** É justo. E você costuma viajar bastante, assim? A lazer, a trabalho. Enfim.

**Entrevistado:** Olha, eu já viajei bastan[tʃɪ]. Porém, agora, ul[tʃɪ]mamen[tʃɪ], nesse[∅s] tempo[s] a gen[tʃɪ] não tem viajido muito. Meus pais que foram, meus pais, eles foram pra Fortaleza, [tʃɪ]po, novembro, assim, comecinho [dʒɪ] novembro. Daí, eles me deixaram em casa e, daí, [tʃɪ]po só ele[s] que viajaram assim, mas eu viaja[∅r(v)] não faz um bom tempinho que eu não viajo.

**Entrevistadora:** Perfeito. E hoje assim, analisando suas expectativas de vida, né? Enfim, sonhos, tudo mais. Tem alguma outra cidade que você tem pretensão de morar ou você tem plano de permanecer aqui, por aqui?

**Entrevistado:** Eu tenho plano [dʒɪ] mora[∅r(v)] em São Paulo. [tʃɪ]po, eu não, plano, plano, é, [tʃɪ]po, é uma cida[dʒɪ] que eu acho muito legal. São Paulo ou Rio de Janeiro.

**Entrevistadora:** E além da faculdade você tem alguma outra ocupação tipo trabalho estágio dentro ou fora da sua área?

**Entrevistado:** Não. Eu só faço faculda[dʒɪ] mesmo.

**Entrevistadora:** Beleza. Eh tu está fazendo direito né? E você falou que, né? Sua irmã já fez e tudo mais, mas se eu te perguntar se os pais te influenciaram nessa decisão ou foi uma escolha mais sua?

**Entrevistado:** Então o[∅s] meu[∅s] pai[s] ele[s] são muito apoiadore[s], ele[s], [tʃɪ]po, teve um [dʒɪ]a que eu falei: ah, eu quero faze[∅r(v)] tal coisa, daí, falaram beleza, tudo bem. Daí [tʃɪ]po ah eu quero faze[∅r(v)] tal coisa. [tʃɪ]po, eu sempre fui muito transciona[n∅do] entre o[∅s] cu[ɹ(n)]so[s]. E ele[s] sempre foram muito [dʒɪ] boas. Eles nunca falaram: ah você deveria faze[∅r(v)] [dʒɪ]reito, sua i[ɹ(n)]mã faz, tals. Não. Daí [tʃɪ]po eu [tʃɪ]ve po[ɹ(n)] escolha própria. Ou seja, se eu não cur[tʃɪ][∅r(v)] o cu[ɹ(n)]so a culpa é minha. Assim, po[ɹ(n)]que não foi influência [dʒɪ] ninguém. [tʃɪ]po, meu[∅s] pai[s] só estão lá fala[n∅do], está bom, vai lá, confia. Se precisa[ɹ(n)] de ajuda a gen[tʃɪ] está aqui.

**Entrevistadora:** Beleza. E qual que é a profissão deles?

**Entrevistado:** O meu pai ele é es[tʃɪ]lista, ele tem um ateliê aqui em Londrina, [tʃɪ]po, ves[tʃɪ]do [dʒɪ] noiva, te[ɹ(n)]no [dʒɪ] casamento, essas coisa com ele e a minha mãe ela é professora [dʒɪ] música.

**Entrevistadora:** Ai que legal! Interessante! E agora falando um pouquinho mais do curso, enfim, das suas experiências dentro do curso, você já passou por alguma situação no curso que te deixou meio desconfortável, que tenha sido uma experiência que te marcou negativamente dentro do curso. Seja de interação com os colegas, seja de interação com os professores, algo que… tudo bem que você está no primeiro ano, tá começando, mas provavelmente deve ter alguma coisa que, enfim, te marcou negativamente, né? Então se você puder contar um pouquinho dessa situação.

**Entrevistado:** [dʒɪ] colega[s] e tals, até agora ninguém me ma[ɹ(n)]cou muito nega[tʃɪ]vamen[tʃɪ] po[ɹ(n)]que todo mundo é muito, é muito [dʒɪ] boa. Agora, professo[∅r(n)], irmã, cara, na nossa sala tem um aluno que ele é [de]ficien[tʃɪ] visual e daí ele precisa [dʒɪ] um auxílio a mais. E a gen[tʃɪ] tem uma professora, não vou cita[ɹ(v)] nome[s], que ela, nossa, é, é ní[tʃɪ]do, ela não gosta. Não, não que não gosta dele, não gosta [dʒɪ] da[ɹ(v)] aula pra ele. Po[ɹ(n)]que [tʃɪ]po ele, ele precisa, ele tem um celula[ɹ(n)] com acessibilida[dʒɪ]. Daí o celula[ɹ(n)] ele, [tʃɪ]po, fala: ai, você está ape[ɹ(v)]ta[n∅do] em tal luga[ɹ(n)], você está ape[ɹ(v)]ta[n∅do] em tal luga[ɹ(n)]. Quando ele pega o celula[ɹ(n)], quando, ou alguém liga algo do [tʃɪ]po, o celula[ɹ(n)] fala. Ela faz uma cara [dʒɪ] nojo. Ela faz uma cara [dʒɪ] [dʒɪ]sprezo. [tʃɪ]po, é, é muito foda. Além [dʒɪ] trata[ɹ(v)] ele assim, como se ele fosse menos capaz se[n∅do] que ele estudou e passou num ves[tʃɪ]bula[∅r(n)] igual todo mundo naquela sala. E, daí, [tʃɪ]po, ela é muito assim… e daí tem outra professora, também não vou cita[∅r(v)] nome[s]. Essa daí é uma que me ma[ɹ(n)]cou. Po[ɹ(n)]que eu fui mal na[∅s] duas prova[s] dela. Que acontece? Ela é uma professora muito boa. A gen[tʃɪ] teve duas aula[s] com ela. Tem gen[tʃɪ] falou, nossa, que professora pica, foda. E daí, do nada, ela falou: vou traze[∅r(v)] tal aluno que é aluno [dʒɪ] mestrado dela e daí tipo toda aula é um aluno [dʒɪ] mestrado, basicamen[tʃɪ], e toda aula muda a didática. E daí beleza, gen[tʃɪ], tá. Ela muda a didática toda hora. Tem um aluno, tem um, um do[∅s] aluno[s], ele não escreve nada no quadro e ele fala e fala e fala. E daí ele tem uma garrafa [dʒɪ] café que tem um copinho. Daí ele enche a garrafa e dá uns shotzinho [dʒɪ] café. E me[tʃɪ] louco e me[tʃɪ] louco e fala e fala e fala. E daí a gen[tʃɪ]e fica muito pe[ɹ(n)][dʒɪ]do. E o que que tem? A prova dela, é uma prova, mulher. Primeiro que na outra sala, eu sou da quatro mil. Na três mil ela fez uma prova um pouco mais fácil pra ele[s]. Pelo que eu fiquei sabe[n∅do]. Po[ɹ(n)]que a nossa estava muito [dʒɪ]fícil. Estava muito complexa e daí, tá né. Foi muita gen[tʃɪ] que foi mal, um povo foi bem. Daí tá. E daí essa úl[tʃɪ]ma prova [tʃɪ]nha muita questão [dʒɪ] concu[ɹ(n)]so. Era uma[s] questões muito, muito louca[s]. Aí, [tʃɪ]po toda[∅s] a[∅s] questões parecida[s] e mudava [tʃɪ]po uma micro palavra. Que, [tʃɪ]po, que não dava nem pra pe[ɹ(v)]cebe[ɹ(v)] [dʒɪ]reito. E, daí, [tʃɪ]po, eu tô muito frustrado po[ɹ(n)]que é uma matéria que eu cu[ɹ(v)][tʃɪ]. Porém, muda[ɹ(v)] de professo[ɹ(n)] toda hora. A professora claramen[tʃɪ] não gosta[∅r(v)] da nossa sala, claramen[tʃɪ] aplica[ɹ(v)] uma prova mais [dʒɪ]fícil na nossa sala, muda[∅r(v)] [dʒɪ] professo[∅r(n)] todo [dʒɪ]a, isso me deixa meio, isso que foi que ma[ɹ(n)]cou um pouco.

**Entrevistadora:** Uhum. E vocês chegaram a conversar com o colegiado do curso, com o departamento assim?

**Entrevistado:** Todo mundo ficou assim: nossa, a gen[tʃɪ] vai fala[∅r(v)] com o colegiado. A gen[tʃɪ] vai ó ferra[∅r(v)] com essa professora, daí, [tʃɪ]po, pegaram a nota da prova, o povo que foi bem ficou assim ó, cala[dʒɪ]nho, e daí, [tʃɪ]po, não [tʃɪ]nha muita fo[ɹ(n)]ça pra fala[∅r(v)], daí [tʃɪ]po todo mundo ficou quieto. Daí ela falou que, [tʃɪ]po, que ela vai muda[∅r(v)], que ela não vai muda[∅r(v)], [tʃɪ]po, que ela vai se aposenta[∅r(v)]. E que daí ela tava feliz, que ela vai se aposenta[∅r(v)]. Pelo jeito vai muda[∅r(v)] [dʒɪ] professo[ɹ(n)].

**Entrevistadora:** Ah, e vocês vão ter provas substitutivas, coisa assim, ou vocês só vão ter que refazer a disciplina mesmo com outro professor.

**Entrevistado:** Eu acho que a gen[tʃɪ] daí vai, [tʃɪ]po, vai se[n∅do], vai, falta mais um semestre, acho que o semestre vai se[ɹ(v)] com esse professo[ɹ(n)], eu espero, assim, que esse professo[ɹ(n)] não mude [dʒɪ] aluno toda hora e dê pelo menos um trabalho, po[ɹ(n)]que ela [tʃɪ]po ela passava muita matéria, muita matéria, matéria [dʒɪ] um bimestre numa prova, é [tʃɪ]po ela não passava nenhum trabalho, é [tʃɪ]po dez pontos da prova.

**Entrevistadora:** É complicado mesmo, né? Ainda mais que direito tem uma carga de leitura muito extensa imagino.

**Entrevistado:** livro, é muito livro, é um… a prova dela também tem uma linguagem muito [dʒɪ]fícil. É uma linguagem própria [dʒɪ] direito e tals. E é muito [dʒɪ]fícil po[ɹ(n)]que é muito confuso alguma[∅s] coisa[s] que parece que você está acha[n∅do] que é e não é. Ela faz isso.

**Entrevistadora:** Eu imagino que não seja muito muito positivo mesmo esse tipo de experiência, né? Ainda mais no primeiro ano, é complicado mesmo.

**Entrevistado:** É paia. Eu fico pensa[n∅do]: poxa vida po[ɹ(n)]que, [tʃɪ]po, eu fui muito mal na prova e daí eu fico muito frustrado, eu me cobro muito, muito, muito, e eu falei nossa eu não acre[dʒɪ]to que eu fui mal nessa prova e [tʃɪ]po eu fui bem na[∅s] prova[s] de outra[∅s] [dʒɪ]sciplina[s], só que nessa que eu fui pá, eu falei, nossa, eu não acre[dʒɪ]to, sou muito, muito ruim. Eu fico me cobra[n∅do].

**Entrevistadora:** Entendi. E alguma situação feliz dentro do curso, algo que te marcou positiva, né? Que te marcou de forma positiva. Também interação com colegas ou interação com os professores ou mesmo o fato de você ter entrado no curso, né? Enfim.

**Entrevistado:** Olha, interações posi[tʃɪ]va[s], eu, eu gosto muito do[∅s] meu[∅s] colega[s]. Muito[s]… ele[∅s] são muito legai[s], tudo mais. Eu tenho uma professora, [dʒɪ] professora [dʒɪ] cons[tʃɪ]tucional, ela é incrível, incrível, incrível, incrível. Eu amo essa professora, [dʒɪ] ve[ɹ(n)]da[dʒɪ]. Ela é muito carinhosa, ela, [tʃɪ]po, explica bem, ela tem uma [dʒɪ]dá[tʃɪ]ca boa. Então, essas coisas que me ma[ɹ(v)]caram posi[tʃɪ]vamen[tʃɪ], meus amigos, tals, e a professora [dʒɪ] cons[tʃɪ]tucional, que eu gosto muito dela.

**Entrevistadora:** Perfeito, agora a gente vai pra uma outra parte da entrevista, tá? Que assim a gente sabe que a UEL tem pessoas de diversos lugares, né? E que às vezes essas pessoas dão nomes diferentes pras mesmas coisas né? Tipo tangerina, mexerica, poncã, esses tipo de coisa. E aí eu queria ver um pouco sobre isso. Então, eu vou te dar uma descrição de um objeto, de uma ação, enfim, de alguma coisa. E você vai me dizer o nome que você dá pra ela. O nome que você conhece. Pode ser, você vai ver que são bem fáceis, tá? Coisas do cotidiano mesmo, tudo bem simples. Está bom? Okay. Posso começar?

**Entrevistado:** Pode.

**Entrevistadora:** O objeto com que se corta o tecido.

**Entrevistado:** [tʃɪ]soura.

**Entrevistadora:** Aquilo que se recosta a cabeça pra dormir na cama.

**Entrevistado:** Travesseiro.

**Entrevistadora:** Aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos na pia.

**Entrevistado:** A to[ɹ(n)]neira.

**Entrevistadora:** Para limpar o chão, o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Varre[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Sim. E uma refeição que se faz em geral às doze horas.

**Entrevistado:** Almoço.

**Entrevistadora:** A carne se come de garfo e faca. E a sopa se toma de...

**Entrevistado:** De colhe[∅r(n)]

**Entrevistadora:** Um aparelho que é usado pra fazer vitaminas, suco.

**Entrevistado:** Liqui[dʒɪ]ficado[∅r(n)]

**Entrevistadora:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como que se diz que ela está.

**Entrevistado:** Fe[ɹ(v)]ve[n∅do]

**Entrevistadora:** O que que tem na água do mar que a gente também usa pra temperar a carne?

**Entrevistado:** O sal.

**Entrevistadora:** Aquilo vermelho que vende na feira e se usa para preparar molho de

macarrão.

**Entrevistado:** O toma[tʃɪ]

**Entrevistadora:** O que que dá sombra nas ruas, no campo, que tem um tronco, é verde.

**Entrevistado:** Á[ɹ(n)]vore.

**Entrevistadora:** O que que a abelha fabrica?

**Entrevistado:** O mel.

**Entrevistadora:** Um bichinho que voa e tem as asas bonitas, coloridas.

**Entrevistado:** Bo[ɹ(n)]boleta.

**Entrevistadora:** Um animal grande que tem uma tromba enorme.

**Entrevistado:** Um elefan[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Quando tudo fica escuro e as pessoas vão dormir essa é a?

**Entrevistado:** A noi[tʃɪ]

**Entrevistadora:** E o contrário de noite?

**Entrevistado:** O [dʒɪ]a.

**Entrevistadora:** E o que brilha no céu de dia.

**Entrevistado:** O sol.

**Entrevistadora:** No inverno faz frio. E no verão?

**Entrevistado:** Calo[ɹ(n)]

**Entrevistadora:** Qual é o contrário de cedo?

**Entrevistado:** Ta[ɹ(n)][dʒɪ]

**Entrevistadora:** E o que que vem depois do número treze.

**Entrevistado:** O quato[ɹ(n)]ze.

**Entrevistadora:** Para ganhar dinheiro o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Trabalha[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Onde as crianças vão pra aprender a ler.

**Entrevistado:** Na escola.

**Entrevistadora:** Fazer assim em um papel. É o quê?

**Entrevistado:** É rasga[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Isso. E qual é a cor do céu?

**Entrevistado:** Azul.

**Entrevistadora:** Qual o nome do nosso país?

**Entrevistado:** Brasil.

**Entrevistadora:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]nambucano?

**Entrevistadora:** É isso mesmo. Quando alguém é acusado de alguma coisa mas ele não praticou aquela ação se diz que ele é o quê.

**Entrevistado:** Inocen[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Qual o contrário de errado?

**Entrevistado:** Ce[ɹ(n)]to.

**Entrevistadora:** Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma?

**Entrevistado:** Uma men[tʃɪ]ra.

**Entrevistadora:** O que que a gente tem na boca que usa pra morder as coisas?

**Entrevistado:** Den[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Quando a pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão sem sentidos. O que que se diz que ela teve?

**Entrevistado:** Um [dʒɪ]smaio.

**Entrevistadora:** Eva foi a primeira...

**Entrevistado:** Mulhe[∅r(n)]

**Entrevistadora:** O que que o irmão do seu pai é seu?

**Entrevistado:** [tʃɪ]o.

**Entrevistadora:** O que se diz de uma pessoa que mede um metro e noventa, dois metros?

**Entrevistado:** Alta.

**Entrevistadora:** O que que se usa no dedo?

**Entrevistado:** Anel.

**Entrevistadora:** E o que que se coloca no corpo pra ficar cheiroso?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(n)]fume.

**Entrevistadora:** Quando a pessoa faz aniversário, o que que se costuma dar pra ela que vem embrulhado?

**Entrevistado:** Um presen[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Dá um abraço é abraçar e fazer assim.

**Entrevistado:** Beija[∅r(v)]

**Entrevistadora:** A pessoa que não está acordada ela está...

**Entrevistado:** Dormi[n∅do]

**Entrevistadora:** Quando você está na rua e você quer pedir uma informação pra pessoa, o

que que você tem que fazer?

**Entrevistado:** Pergunta[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Qual que é o contrário de entrar.

**Entrevistado:** Sai[ɹ(v)]

**Entrevistadora:** Este é o meu lado direito. E esse?

**Entrevistado:** O esque[ɹ(n)]do.

**Entrevistadora:** Perfeito. Então a gente vai voltar agora lá na perguntinha.

**Entrevistado:** Ah, não, eu não lembrei.

**Entrevistadora:** Assim, quando alguém é acusado de algum crime que ele não cometeu, se diz que ele é o que?

**Entrevistado:** Inocen[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Perfeito. Aí, lembrou.

**Entrevistado:** Amo vive[ɹ(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito, é isso mesmo. Agora a gente vai pra última parte da nossa entrevista, tá? E assim, você já falou que foi pra alguns lugares, né? Enfim, você já viajou um pouquinho, já morou em outros lugares. Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era de fora?

**Entrevistado:** Pe[ɹ(v)]cebiam.

**Entrevistadora:** Como que elas percebiam?

**Entrevistado:** Falaram que eu [tʃɪ]nha um sotaque muito carregado. Então, eu falava, mas eu não tenho sotaque. Daí [tʃɪ]po fala po[ɹ(n)]ta. Quando eu falava po[ɹ(n)]ta, daí, eu via que o R é bem carregado. Eu falei, nossa, é ve[ɹ(n)]da[dʒɪ], tem um sotaque. Nem palavra tá?

**Entrevistadora:** Como que você consegue identificar que uma pessoa é do mesmo lugar de onde você nasceu, por exemplo.

**Entrevistado:** Do mesmo luga[ɹ(n)]? Ah, eu pe[ɹ(v)]cebo, [tʃɪ]po, quando… é dʒɪ] novo o lance do sotaque. [tʃɪ]po, quando ela não tem um sotaque, um sotaque ou tem né? Po[ɹ(n)]que a gen[tʃɪ] está muito acostumado. Po[ɹ(n)] exemplo, eu tenho um amigo que ele nasceu aqui e, daí, [tʃɪ]po a gen[tʃɪ] tem o mesmo [dʒɪ]aleto. Só que daí [tʃɪ]po na faculda[dʒɪ], po[ɹ(n)] exemplo, tem un[∅s] aluno[s] que eles são [dʒɪ] fora. Tem um aluno que é [dʒɪ] Francisco Beltrão. E daí [tʃɪ]po ela tem um sotaque bem, bem carrega[dʒɪ]nho, sabe? Daí a gen[tʃɪ], [tʃɪ]po, a gen[tʃɪ],[tʃɪ]po, já sabe,[tʃɪ]po, ela fala e tals, daí a gen[tʃɪ], [tʃɪ]po, já sabia e tals que ela po[dʒɪ]a se[ɹ(v)] [dʒɪ] fora ou algo do [tʃɪ]po.

**Entrevistadora:** Então quando você conhece alguém você percebe se a pessoa não é de Londrina.

**Entrevistado:** Eu costumo pe[ɹ(v)]cebe[ɹ(v)].

**Entrevistadora:** Então quando você ouve uma pessoa falando por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque.

**Entrevistado:** Uhum.

**Entrevistadora:** E quando você conversa com alguém você presta atenção no jeito que a pessoa fala, no sotaque dela.

**Entrevistado:** No jeito… Eu presto atenção no sotaque e na, [tʃɪ]po, no como ela fala, [tʃɪ]po, ou se ela fala muito com a mão, ou se ela fala assim, muito parado. Eu costumo muito arrepara[ɹ(v)] nisso e é isso mais ou menos.

**Entrevistadora:** Perfeito. E qual o sotaque do Brasil você mais gosta assim, de ter talvez tenha mais uma preferência, talvez ache um pouco mais bonito.

**Entrevistado:** Eu acho carioca muito bonito.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Entrevistado:** Ah eu acho muito bonito [tʃɪ]po eu não sei explica[∅r(v)]. Eu acho que ele é um sotaque muito bonito. Daí depois [tʃɪ]po o sotaque lá [dʒɪ] No[ɹ(n)]des[tʃɪ] tal que… Eu também acho bem bonito. Mas o carioca eu acho que ele muito bonito.

**Entrevistadora:** Entendi. E tem algum que irrite um pouco que você não goste tanto. Enfim.

**Entrevistado:** Não. Acho que não. Não tem nenhum que eu fale: nossa, que sotaque, não, [tʃɪ]po, pra mim não.

**Entrevistadora:** E se você pudesse elencar algumas coisas que de como é que as pessoas daqui de Londrina falam sabe? Você consegue linkar alguns elementos que que você percebe que são característicos aqui do falar de Londrina?

**Entrevistado:** Óia, tem, falam muito rápido. É um negócio que às vezes eu fico muito pe[ɹ(n)][dʒɪ]do, fala muito, muito rápido. Fala rápido, e eu acho que é isso, [tʃɪ]po, [dʒɪ] fala[∅r(v)] bem rápido assim que teve, tem, nossa, o povo [dʒɪ] Londrina, da faculda[dʒɪ], isso é muito rápido [tʃɪ]po apresenta trabalho muito rápido, às vezes eu fico até pe[ɹ(n)][dʒɪ]do, às vezes, eu, tá fala[n∅do] [dʒɪ] tal coisa, daí fala[∅r(v)] bem rapidão assim mesmo.

**Entrevistadora:** Entendi. E em questão de sotaque você consegue identificar alguma coisa? Que você acha que seja característica de Londrina?

**Entrevistado:** Então, é, eu acho que é o lance [dʒɪ] te[ɹ(v)] um R um pouco carregado.

**Entrevistadora:** Entendi. E falando de você, né? Você já passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu sotaque, ao seu modo de falar? Seja na universidade ou seja em outros ambientes.

**Entrevistado:** Não, não. Eu na real, o que acontece? Na, eu, eu uso muita, muita palavra, muita aleatória. [tʃɪ]po, tankando, oh my god, eu amo fala[∅r(v)] oh my god, daí, [tʃɪ]po, eu falava muito, daí os outros da faculda[dʒɪ] começou a fala[∅r(v)]. [tʃɪ]po, meus amigos começaram a fala[∅r(v)] oh my god e tals. Ou bafora[∅r(v)]. Esse esse eu falo baforá quando é algo muito legal que eu gosto. Eu falo: nossa, vou bafora[∅r(v)] muito nisso. Quando eu falei isso a primeira vez, os outro entrou em choque. Eu falei: vou bafora[∅r(v)] muito, daí eu falei, não, não é assim. Calma. É [tʃɪ]po, é algo que eu vou gosta[∅r(v)] muito [dʒɪ] fazer. É só isso.

**Entrevistadora:** Beleza. E em alguma situação, né? Seja em viagem a passeio, a trabalho ou mesmo na universidade, você já modificou o seu sotaque e a sua forma de falar pra adaptar ao modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Não. Nunca fiz isso. [tʃɪ]po não cu[ɹ(n)]to muda[ɹ(v)] como eu falo e tals.

**Entrevistadora:** Perfeito. E você sente orgulho ou vergonha sua forma de falar ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** Ah eu, eu não sei [tʃɪ]po não é irrelevan[tʃɪ] po[ɹ(n)]que eu gosto do jeito que eu falo, eu tenho um o[ɹ(n)]gulho, eu acho legal.

**Entrevistadora:** Beleza. A última coisinha agora da entrevista eu vou te dar um texto tá? E eu gostaria que você lesse ali em voz alta. Eu vou te passar ele.

**Entrevistado:** Posso começar? Parábola dos se[tʃɪ] vime[s]. Era uma vez um pai que [tʃɪ]nha se[tʃɪ] filho[s]. Quando estava para morre[∅r(v)] chamou-os a todos e depois [dʒɪ] te[ɹ(v)] olhado inquieto e tris[tʃɪ]men[tʃɪ] para o céu [dʒɪ]sse-lhes. Já não ten[dʒɪ]s mãe e eu sei que não posso dura[ɹ(v)] muito. Mas an[tʃɪ]s [dʒɪ] morre[∅r(v)] desejo que cada um [dʒɪ] vós me vá busca[∅r(v)] no campo do moinho um vime seco. Eu também? Pe[ɹ(v)]guntou o mais novo. O garoto esbelto de quatro anos que estava inocen[tʃɪ]men[tʃɪ] brinca[n∅do] ao sol com duas moeda[s] num velho chapéu de feltro. Tu também, [tʃɪ]ago. Quando os filhos voltaram com os vime[s], o pai pe[dʒɪ]u ao meno[ɹ(n)] dele[s]. Quebra esse vime. Ao ouvi[ɹ(v)] isto, o pequeno pa[ɹ(v)][tʃɪ]u o vime sem nada lhe custa[∅r(v)]. Agora pa[ɹ(v)][tʃɪ] o[s] outro[s], um a um. O menino obedeceu. Trazei-me todo[s] outro vime! To[ɹ(v)]nou o pai logo que viu o menino pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o úl[tʃɪ]mo sem [dʒɪ]ficulda[dʒɪ] alguma. Quando o[s] rapaze[s] apareceram [dʒɪ] novo, enfeixou os se[tʃɪ] vime[s] solto[s], ata[ndʊ]-o[s] com o fio. Toma es[tʃɪ] feixe, Paulo, pa[ɹ(v)][tʃɪ]-o. O[ɹ(v)]denou o pai ao filho mais velho, o homem mais valen[tʃɪ] da cida[dʒɪ]. Ve[ndʊ] que já lhe doíam a[s] mão[s] [dʒɪ] tanto se esfo[ɹ(v)]ça[∅r(v)] po[ɹ(n)] pa[ɹ(v)][tʃɪ][∅r(v)] o feixe acrescentou: não fos[tʃɪ] capaz, o osso é duro [dʒɪ] roe[ɹ(v)]. Não, senho[ɹ(n)], não fui, e já me doem a[s] mão[s], respondeu o moço. Todo[s] o[s] outro[s] tentaram em vão. Se fossem mil vime[s] em vez [dʒɪ] se[tʃɪ], pio[ɹ(n)] seria, exclamou o pai. Que[ɹ(n)] sejam vime[s] ou coraçõe[s], lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se es[tʃɪ]ve[ɹ(n)][dʒɪ]s sempre unido[s] ninguém vos fará mal. Ao acaba[∅r(v)] [dʒɪ] [dʒɪ]zer isto morreu. Fiéi[s] ao bom conselho pate[ɹ(n)]no até o fim da vida foram sempre felize[s] e fo[ɹ(n)][tʃɪ][s] como leõe[s] o[s] se[tʃɪ] i[ɹ(n)]mão[s] desta história.